

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

MATHEUS DA SILVA OLIVEIRA

A DIGNIDADE DO CORPO HUMANO NA DUALIDADE ANTROPOLÓGICA

ANÁPOLIS-GO  
2019

MATHEUS DA SILVA OLIVEIRA

A DIGNIDADE DO CORPO HUMANO NA DUALIDADE ANTROPOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Me. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS-GO  
2019

MATHEUS DA SILVA OLIVEIRA

A DIGNIDADE DO CORPO HUMANO NA DUALIDADE ANTROPOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Me. Tobias Dias Goulão.

Anápolis-GO, 25 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ms. Tobias Dias Goulão

---

Profª. Magna Souza Moreira

## RESUMO

É certo que por vezes o corpo é considerado como algo ruim e contingente à pessoa humana. Dessa maneira, existem algumas linhas de pensamento que deturpam o que o homem é de fato, como por exemplo, o dualismo platônico que concebe o corpo como cárcere da alma, e nesse sentido, o corpo impede a realização completa da alma. Já no dualismo cartesiano, o homem é substância pensante e não precisa do corpo para ser o que é. Em outra linha, se tem o monismo de Haeckel e Moleschott que reduz o homem a pura materialidade, sem relação alguma com a realidade espiritual. Em sentido contrário, a partir da terminologia alemã utilizada pela fenomenologia é possível notar o corpo humano não só como mera fisicalidade (*körper*) mas como um corpo vivido, vivenciado (*leib*). Dessa maneira, o objetivo do trabalho é afirmar a dignidade do corpo por sua união substancial com a alma, esta união é condição para que o homem seja completo e realizado, por isso se deve dizer: o homem não é apenas alma, mas é também corpo, ou seja, é um eu-corpo.

Palavras chave: Dignidade. Corpo. Alma. Pessoa Humana. Dualidade. Hilemorfismo.

## ABSTRACT

It is true that sometimes the body is considered as something bad and contingent on the human person. Thus, there are some lines of thought that misrepresent what man really is, such as the Platonic dualism that conceives of the body as the prison of the soul, and in this sense the body prevents the complete realization of the soul. Already in Cartesian dualism, man is a thinking substance and does not need the body to be what it is. In another line, there is Haeckel and Moleschotts monism that reduces man to pure materiality, with no relation to spiritual reality. Conversely, from the German terminology used by phenomenology it is possible to see the human body not only as mere physicality (körper) but as a lived, experienced body (leib). Thus, the aim of the work is to affirm the dignity of the body by its substantial union with the soul, this union is a condition for the man to be complete and fulfilled, so it must be said: man is not only soul, but is also body, that is, it is a self-body.

Keywords: Dignity. Body. Soul. Human person. Duality. Hilemorphism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2</b>	<b>DOCTRINAS DUALISTAS</b> .....	8
2.1	DUALISMO PLATÔNICO.....	9
2.2	DUALISMO CARTESIANO.....	11
<b>3</b>	<b>O MONISMO ANTROPOLÓGICO</b> .....	14
3.1	O MONISMO MATERIALISTA DE HAECKEL E MOLESCHOTT.....	14
<b>4</b>	<b>A DIFERENÇA ENTRE <i>KÖRPER</i> E <i>LEIB</i></b> .....	17
4.1	<i>KÖRPER</i> .....	17
4.2	<i>LEIB</i> .....	18
<b>5</b>	<b>A DUALIDADE ANTROPOLÓGICA E A DIGNIDADE DO CORPO</b> .....	21
5.1	A DUALIDADE ANTROPOLÓGICA.....	21
5.2	A DIGNIDADE DO CORPO.....	23
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	27
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	29

## 1 INTRODUÇÃO

Na tentativa de mostrar o valor que possui a alma humana, o homem acaba, por vezes, desprezando o valor e a dignidade do corpo, colocando-o em um nível inferior e rebaixando suas qualidades, as teorias dualistas deixam clara esta dicotomia, colocando em contradição alma e corpo. E também, com o intuito de enaltecer a ciência e as descobertas científicas acaba por reduzir o homem a pura materialidade.

O presente trabalho tem por intuito mostrar a dignidade do corpo a partir da composição hilemórfica de matéria e forma, ou seja, alma e corpo. Pois é notório que algumas vezes o corpo não é entendido como realmente é, parte essencial da pessoa humana.

Para expor um pouco das linhas de pensamento que têm uma visão errônea do corpo será colocado o dualismo antropológico, iniciando por Platão, pois este deixa em evidência que o corpo é algo mau, e que o homem deve querer libertar-se dele. Depois será apresentado Descartes com sua filosofia antropológica dualista fazendo a distinção entre *res cogitans* e *res extensa*, ressaltando sua afirmação do homem, que é uma substância que pensa.

A doutrina de Haeckel, também é um pensamento que de certa forma deturpa o valor do corpo, pois reduz o homem a pura substância material, a fisiologia e biologia. É evidente que há a desconstrução do que de fato é o corpo humano e o resultado disto é a deformação de quem é o homem na realidade.

Para começar a entender melhor a corporeidade se deve demonstrar a diferença entre o corpo puramente físico do corpo vivenciado. Será utilizada para este fim as diferenciações dos termos de origem alemã, muito utilizados na filosofia fenomenológica, são eles o *Körper* e *Leib*.

Por fim o elemento fundamental é a filosofia da dualidade clássica para afirmar a ligação e relação fundamental de alma e corpo. De forma simplória servindo da filosofia perene, se terá em evidência a constituição fundamental hilemórfica do homem, ou seja, o homem é homem enquanto composto de alma e corpo.

É importante a exposição de tal tema, pois, a desvalorização do corpo resulta na desvalorização do homem enquanto pessoa humana, a redescoberta deste valor pode trazer novas respostas e dar novamente o sentido da vida humana, pois desta maneira o homem é compreendido em sua totalidade.

## 2 DOCTRINAS DUALISTAS

É dito que “o vivo é aquele que tem dentro de si mesmo o princípio de seu movimento” (STORK; ECHEVARRIA, 2005, p. 24). O homem possuidor dessa capacidade é ser vivo, e possui em si o princípio vital chamado alma. A alma é aquilo que está presente em todo ser que não é inerte, e que tem em si mesmo essa capacidade de movimento, seja ele do mais simples ao mais complexo.

Com relação aos seres vivos, há três tipos de alma; alma vegetativa caracterizada por um movimento interior, como por exemplo as plantas. A alma sensitiva, caracterizada por um movimento interior e exterior, que o caso dos animais. E por fim a alma espiritual, caracterizada por ter não só movimento interior e exterior, mas um movimento espiritual (fora do tempo e do espaço).

A alma humana se diferencia da alma vegetativa e animal pelo importantíssimo fato de se tratar de uma alma racional, assim, “acima dos animais ficam seres que se movem em ordem a um fim que eles mesmos se fixam, coisa que é impossível de fazer se não for por meio da razão e do intelecto” (STORK, ECHEVARRIA, 2005, p. 27). Então, essa diferença se manifesta especificamente pela percepção do espírito.

O nascimento dos conceitos específicos de alma e corpo, se deu como consequência da difusão do conceito órfico de *psyche*; pode-se dizer, dessa maneira, que o homem foi representado como corpo só depois de se ter pensado como alma. E ainda nos tempos hodiernos falar de corpo em sentido filosófico só é possível referindo-se, seja de modo positivo, seja negativo, ao conceito de alma (REALE, 2002).

Neste capítulo se explicará um pouco como é vista essas duas realidades presentes no homem, alma e corpo, de forma especial nas doutrinas dualistas.

O dualismo tem como característica dois polos, como por exemplo: noite e dia, quente e frio, bem e mal, alegria e tristeza, etc. No dualismo antropológico nesses dois polos se encontram o material e o espiritual, a alma e o corpo. Essa doutrina afirma que o homem se compõe de duas substâncias completamente heterogêneas. O adjetivo “completa” expressa que alma e corpo são substâncias que bastam a si mesmas para existir e somente por acaso, acidentalmente, estão unidas no homem (RABUSKE, 1995).

Assim procede Stork e Echevarria (2005, p. 32) à cerca do dualismo:

O corpo e a alma, diz o dualismo, são realidades separadas, que devem ser explicadas separadamente. Assim, apresenta-se como dois elementos diferentes e contrapostos que se justapõem sem unirem-se, do mesmo modo em que as peras não formam unidade com as maçãs, ainda que se encontrem na mesma fruteira. De um lado existirá a matéria, o corpo, e de outro, a alma, o espírito.

Assim sendo o dualismo não só afirma duas realidades distintas, mas afirma também uma oposição entre essas realidades. Esse pensamento, no meio antropológico, foi sustentado por grandes filósofos; aqui serão mencionados apenas alguns que deixaram em evidência essa ideia, ressaltando o enfoque particular de cada um.

## 2.1 DUALISMO PLATÔNICO

Um dos elementos da filosofia de Platão é o seu possível dualismo antropológico, afinal, ele em sua busca pela plena verdade e sabedoria, tentou também explicar esse grande mistério que é o homem.

Em sua *Metafísica*, Platão afirma a preexistência da alma humana em um mundo à parte, conhecido como Hiperurânio. Essa preexistência metafísica da alma vai influenciar a sua gnosiologia ao afirmar que o conhecimento humano seria somente uma recordação daquilo que foi visto no mundo das ideias eternas, portanto “o conhecimento é anamnese, ou seja, uma forma de recordação, um emergir daquilo que já existe desde sempre no interior de nossa alma” (REALE, 2003, P. 146).

No Hiperurânio, lugar onde se encontram as ideias das quais o mundo sensível é somente sombra, a alma contemplou a ideia em si, que é o verdadeiro ser das coisas existentes. Na teoria platônica, quando o homem se aproxima de uma realidade nova, ele não coloca em ato um novo conhecimento, mas se recorda daquilo que outrora fora contemplado no Hiperurânio.

Como aquilo que captamos no mundo sensível é uma formação deturpada que participa da realidade em si existente no mundo inteligível, recebemos com estranheza a informação captada e

enfrentamos o processo de aprender a respeito dela. Ao compararmos coisas, não estamos comparando uma coisa com outra, mas estamos comparando com a coisa em si mesma, já completada pela alma no mundo inteligível, posto que antes de nascer conhecemos tudo aquilo que pode ser definido como realidade em si (COSTA, p. 3).

Aqui já é notório elementos do dualismo platônico, a alma antecedente ao corpo, por isso, ambos se apresentam como realidades distintas. Platão, provavelmente impulsionado por elementos do Orfismo, antiga religião grega, tem essa visão do homem, entende-o “como alma imortal, concebida como demônio, que por uma culpa originária foi condenada a viver em um corpo, entendido como tumba e prisão” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 6).

De fato, é presente em muitos diálogos de Platão uma visão do corpo e da alma com um aspecto dualista, deixando em evidência o corpo, não só como instrumento a serviço da alma, mas como antitético à alma, ou seja, como se os dois se encontrassem em conflito, sendo o que é material um obstáculo para as funções que lhe são próprias ao espiritual (REALE, 2002, P. 175).

No diálogo Fédon, Platão relata os momentos finais de Sócrates, onde sua morte é apresentada como algo positivo pois permite a libertação da alma para alcançar a sabedoria e a contemplação da verdade. Destarte, para Sócrates, ser um autêntico filósofo e preparar-se para morrer.

E ainda procede:

E é este então o pensamento que nos guia: durante todo o tempo em que tivermos o corpo e nossa alma estiver misturada com essa **coisa má**<sup>1</sup>, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e uma confusões nos são efetivamente suscitadas pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas ainda somos acometidos pelas doenças – e eis-nos às voltas com novos entraves em nossa caça ao verdadeiro real! (PLATÃO, 1972, p. 73).

Essa visão da morte como libertação está diretamente influenciada pela concepção de que a alma seria uma substância completa em si mesma.

Platão afirmava, ademais, que a alma humana não só subsistira por si, mas também possuiria em si uma natureza específica completa. Pois dizia que toda a natureza específica está na alma, definindo homem não como um composto de alma e corpo, mas como uma

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

alma que se utiliza de um corpo; e, assim, a relação entre alma e corpo seria como a que se dá entre piloto e seu navio ou entre o que está vestido e suas vestes (AQUINO, 2012, p. 43).

Como se percebe na afirmação de Tomás de Aquino, para Platão a alma não precisa ter ligação nenhuma com o corpo, afinal, como uma forma de castigo a alma está relacionada ao corpo, e não existe uma relação de dependência. Platão, deixa em evidência que o causador dos males pelos quais passam os homens é o corpo, e assim, o que causa a guerra, por exemplo, é a existência do corpo, que gera nos homens as paixões.

Nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, do qual somos **miseros escravos**<sup>2</sup> (PLATÃO, 1972, p. 74).

É célebre o pensamento de Platão que afirma que o corpo é o túmulo da alma e que, portanto, é bom morrer, pois desta forma ocorre a libertação da alma dessa coisa má, que é o corpo. Elemento também presente no diálogo Górgias: “Também nós, na realidade, talvez estejamos mortos. De fato, já ouvi também homens sábios dizerem que nós, agora, estamos mortos e que o corpo é túmulo para nós” (PLATÃO Apud REALE, 2002, p. 178).

Com base no que foi citado, tem-se, portanto, um pouco da doutrina do dualismo platônico, no qual a alma está fadada ao corpo como a um túmulo, ambas realidades, portanto, estão em contradição, é pois, necessário morrer para que aconteça a libertação e haja a contemplação da verdade. O corpo se apresenta como algo mal, e é causador dos males presentes, e está a limitar a alma em sua realização total.

## 2.2 DUALISMO CARTESIANO

Rene Descartes (1596-1650), considerado como o pai da filosofia moderna, em seu *discurso sobre as regras do método*, e em suas *meditações metafísicas* também deixa em evidência sua visão antropológica dualista. Como matemático,

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

Descartes aplicou os seus conhecimentos à filosofia; o resultado de sua especulação foi a descoberta do 'eu pensante', ou 'substância pensante' (REALE; ANTISERI, 2005).

Para chegar ao conhecimento, Descartes se utiliza da dúvida metódica, que consiste em duvidar de tudo, pois os sentidos podem enganar o homem. Para ele, não se pode ter certeza de nada, mas há uma única coisa que não se pode duvidar, é o fato de que se está duvidando, de que se está pensado. Daí surge sua célebre expressão: *Cogito, ergo sum*, \_ Penso, logo existo.

Assim ele afirma:

[...] adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava (DESCARTES, 1973, p. 54).

Descartes, a partir desse pensamento, afirma o sujeito pensante. Ele é o primeiro a dar ênfase à subjetividade, dando início a chamada filosofia da mente. (SILVA, 2014). O que é importante para ressaltar o dualismo de seu pensamento, é ter presente que Descartes identifica o pensamento (alma) como substância, portanto, como algo que é completo, que existe por si e em si.

Dessa forma, em sua doutrina, o homem é mente, o homem é pensamento, o homem é alma. Segundo Battista Mondin (1926), para Descartes, a essência do homem consiste no pensamento, chega a esta conclusão mediante ao princípio infalível do *cogito*. Descartes afirma, portanto, que seu ser é pensante, é ser de algo que pensa, o seu ser revela-se como pensamento, e somente o pensamento lhe é essencial para ser.

Desse modo, afirma Descartes,

[...] compreendi por aí que [eu] era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual eu sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é (DESCARTE, 1973, p. 55).

Descartes também considera o corpo como uma substância completa, que existe por si mesma; é portanto o corpo, diferente da alma e oposto a ela, pois o corpo é constituído pela *res extensa*, enquanto que a alma é constituída pela *res cogitans* (MONDIN, 1926). Para ele só existem esses dois tipos de substâncias, sendo que “a *res extensa* é o mundo material (compreendendo obviamente o corpo humano), do qual justamente, se pode predicar como essencial apenas a propriedade de extensão” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 293), enquanto que a *res cogitans* é o ser pensante.

A alma está relacionada com o corpo pela glândula pineal, que é o que faz a ligação entre *res cogitans* e *res extensa*, mas o fato é que Rene Descartes considera o homem como alma, e que essa alma ocasionalmente está relacionada ao corpo. Para ele o homem se torna uma espécie de anjo pilotando a máquina do seu corpo (STRIEDER, 1992).

“A visão cartesiana do corpo está profundamente enraizada no platonismo e neoplatonismo, propondo um dualismo radical entre corpo e alma” (STRIEDER, 1992, p. 14), e como já dito, considera essas duas realidade como substâncias completas, que somente de modo ocasional estão relacionadas.

### 3 O MONISMO ANTROPOLÓGICO

O presente capítulo, tem por interesse, apontar, brevemente, alguns pensamentos que reduzam o homem somente à materialidade, já que no capítulo anterior foi falado do dualismo, que considera como ocasional a relação de alma e corpo. Já aqui notar-se-á o homem como estrutura fisiológica, como coisa orgânica, sem relação alguma com qualquer realidade suprassensível. Cabe, pois, uma breve colocação acerca do monismo para mostrar uma outra visão do homem, diferente do dualismo.

A palavra grega Mono significa: único, sozinho; e é justamente isso que o monismo, como linha filosófica, apresenta. Em oposição ao dualismo, o monismo afirma uma só substância e um só ser, desta forma, considera apenas uma única dimensão, sendo ela espiritual ou material (VERBO, 2001).

“No monismo espiritualista defende a ideia: No fundo tudo é espírito. Pelo contrário, o monismo materialista reduz todo ser humano ao corpo, às estruturas e seus processos” (RABUSKE, 1995, p. 31).

#### 3.1 O MONISMO MATERIALISTA DE HAECKEL E MOLESCHOTT

Ernest Haeckel (1834-1919), expoente representante do monismo alemão, defendeu veementemente essa teoria sob a ótica materialista. Em uma ocasião solene, Haeckel, proferiu um discurso público intitulado: *o monismo, uma profissão de fé de um naturalista*, em que o mesmo professa sua concepção a respeito da realidade.

É notório em seu discurso e, de forma geral, em sua filosofia, a presença de elementos das teorias evolucionistas de Charles Darwin, ao qual, chama de Copérnico do mundo orgânico. O presente defensor do monismo ao falar da suposição da imortalidade da alma, diz que a ideia de uma dimensão espiritual, anteriormente afirmada por diversas linhas de pensamentos e de forma especial pela religião, acontecia pela falta de conhecimento científico da realidade (HAECKEL, 1809).

Para Haeckel, assim como anteriormente o homem com o intuito de se auto afirmar como ser importante, desejado por Deus e como centro do universo, defendia a tese de que a terra era o centro de todo o universo e que tudo girava ao seu redor, assim também o homem afirma a imortalidade para continuar sendo o centro de tudo (HAECKEL, 1809, p. 40).

Assim como Copérnico destruiu a teoria geocêntrica, e descobriu que na verdade o sol é o centro, e todo restante gira ao seu redor, a evolução científica também permite ao homem conhecer muito bem a realidade, e ao conhecê-la acaba por negar a existência de uma dimensão superior, afirmando que esta não seria necessária.

Haeckel no discurso já supracitado, enaltece a evolução da ciência e diz que a antiga afirmação da alma enquanto realidade espiritual acontecia pois,

nesse tempo não se conhecia bem a fina estrutura do cérebro, nem a função fisiológica das suas diversas partes; os órgãos elementares, os gânglios celulares microscópicos eram quase desconhecidos, assim como a alma celular dos protistas. Tinha-se uma noção muito imperfeita da evolução ontogenética, e não se fazia ideia alguma da evolução filogenética (HAECKEL, 1809, p. 41).

Ao falar da evolução do ser humano a partir de vertebrados ancestrais, Haeckel afirma que a realidade psíquica equivale à realidade puramente física, e que é impossível atualmente separar a alma individual do cérebro, pois ambos são a mesma realidade (HAECKEL, 1809), diz ele:

O que chamamos simplesmente alma humana, não é mais do que a soma das nossas sensações, das nossas vontades e dos nossos pensamentos, o conjunto das funções psicológicas, cujas células ganglionares microscópicas do nosso cérebro representam os órgãos elementares (HAECKEL, 1809, p. 33).

Em outro lugar, o mesmo, afirma: “Hoje sabemos [...] que a alma é um conjunto de vibrações do plasma de células ganglionares” (HAECKEL, 1809, p. 79). Haeckel reduz a imortalidade individual da alma humana a uma imortalidade panteísta, somente como uma conservação da substância no cosmos, pois, “quando nos sobrevém a morte, somente desaparece a forma individual sob a qual se mostrava a substância nervosa e a alma pessoal que conservava o seu trabalho” (HAECKEL, 1809, p. 39). Dessa maneira, essa realidade permanece viva, não mais

de forma individual, mas em outras combinações vivas, forças e movimentos, e assim a alma continua a existir.

Pode-se concluir o monismo materialista de Haeckel, a partir de uma perspectiva antropológica pois essa sua visão abrange toda a realidade, inclusive o Ser Supremo, Deus. Assim sendo, o homem, em sua antropologia, é descendente de primatas e constituído especificamente pela realidade puramente física, assim como toda a realidade cósmica. O homem, para ele, é somente corpo.

Jacob Moleschott (1822 - 1893), é também um dos expoentes do monismo materialista, fundamentando-se a partir da consideração do processo contínuo de dissolução e regeneração. Também Moleschott é fortemente influenciado pelas ideias de Darwin.

No seu pensamento “o espírito seria mero produto da matéria” (MARTINS FILHO, 2004, p. 269), reduzindo, portanto, o homem a mera estrutura física biológica. Para ele não há pensamento sem fósforo, por isso, também faz menção à frase: o homem é aquilo que come.

Tendo feito a apresentação de algumas deturpações na forma de compreender o homem em sua dimensão espiritual e corporal, cabe pois, nos capítulos seguintes, expor uma fundamentação para chegar ao ponto da compreensão da dignidade do corpo.

## 4 A DIFERENÇA ENTRE *KÖRPER* E *LEIB*

A língua alemã fornece uma melhor distinção acerca do corpo não humano e do corpo humano. A palavra *körper* derivada do latim da palavra *corpus*, “diz respeito aos aspectos estritamente materiais e físicos do corpo, daquilo que ele tem em comum com todos os objetos do mundo” (MISSAGGIA, 2017, p. 201). Já a palavra *leib*, “guarda uma conexão com a ideia de vida, de algo que não é mera coisa material inanimada” (Ibid, p. 201).

Na língua portuguesa não existe essa distinção de palavras para expressar o corpo. Se pesquisado em um dicionário a palavra ‘corpo’, os brasileiros encontrarão especialmente esta definição: Corpo é “qualquer objeto ou substância material” (XIMENES, 2001, p. 241).

### 4.1 *KÖRPER*

É evidente que o homem possui uma dimensão corporal, e que ele é realmente corpo entre os corpos; é notório, também, que o corpo humano, assim como os demais corpos, está sujeito às leis naturais.

Com relação a essa perspectiva do corpo humano, enquanto *körper*, ou seja, corpo entre os corpos, Lima Vaz (2011) diz que numa pré compreensão do mesmo, se pode fazer ainda duas distinções: o corpo enquanto substância material em sua totalidade física, que seria o corpo puramente bruto, e o corpo enquanto organismo, ou seja, o corpo na sua totalidade biológica.

Nessas “duas primeiras ocorrências, o homem é simplesmente seu corpo, é seu corpo físico e seu corpo biológico, como o animal” (Ibid, p. 179). Nessa dimensão do corpo enquanto *körper* o homem está no mundo em uma presença natural, quer dizer então, que o homem simplesmente ‘está aí’; dessa maneira o homem está presente no mundo em situações fundamentalmente passiva. “Pela presença *natural*, o homem está presente no espaço-tempo físico e no espaço-tempo biológico de seu corpo que o situa no espaço-tempo do mundo” (Ibid, p. 179). Dessa maneira considere-se o homem sujeito às leis da física, como por exemplo, a

lei da gravidade, às leis termodinâmicas, às leis de ação e reação, lei da inércia, dentre outras leis da física.

E ainda, deve-se considerar também, o *körper* enquanto organismo vivo, como sujeito às leis da biologia, por exemplo, o nascer e morrer, os processos de digestão, o processo respiratório, o processo de crescimento, os processos nutritivos, enfim, todas essas realidades que influenciam no corpo humano, enquanto corpo que está-aí.

#### 4.2 LEIB

O homem realmente apresenta uma semelhança aos animais, no entanto, existe uma diferença clara entre um e outro, entre um animal e um homem.

A outra conceituação que se tem com relação ao corpo, começa a revelar um pouco mais do valor e dignidade que ele tem. A outra palavra alemã para designar o corpo humano, *leib*, “refere-se ao corpo real enquanto que é experimentado pelo sujeito mesmo, como expressão direta de sua identidade” (LUCAS, 2005, p. 120).

A essa realidade do corpo, Lima Vaz (2011, p. 178), a conceitua como o corpo próprio, ou ainda como, corpo em sua totalidade intencional, e assim prossegue acerca do *leib*:

Como corpo próprio ou como totalidade intencional, o corpo pode ser assumido na autoexpressão do sujeito, e podemos falar de um Eu corporal, o que não é o caso para o corpo físico ou corpo biológico.

Já não se trata aqui, portanto, de um corpo puramente bruto, nem mesmo de um corpo vivo que funcione em um organismo, mas trata-se de um corpo, vivido, vivenciado, dessa maneira se entende o *leib*.

Continua a explicar Lima Vaz (2011, p. 179-180) ainda mais claramente esse corpo próprio enquanto vivenciado por um sujeito como uma presença intencional, que fá-lo não somente, estar-aí, mas ser-aí,

pela presença intencional, começa a estruturar-se o espaço-tempo propriamente humano, que tem no corpo próprio como corpo vivido o polo imediato de sua estruturação para-o-sujeito, ou o lugar em que primeiramente se articula o espaço-tempo do mundo e espaço-tempo do sujeito: psicológico, social e cultural. O corpo próprio pode

ser chamado, assim, o lugar fundamental do espaço propriamente humano, e o evento fundamental do tempo propriamente humano.

E ainda Lucas (2005) diz que a originalidade do *leib*, ou seja do corpo próprio intencional, surge do fato de que cada homem é inteiramente consciente da presença do seu próprio corpo e a percepção externa de tal presença em uma unidade de identidade que, de forma alguma, permite a redução do *leib* a uma outra.

Deste conceito, *leib*, também pode-se ter presente a ideia de que o corpo humano, diferencia-se dos outros corpos pois o mesmo é “exteriorização de algo que é essencialmente interior” (Ibid, p. 120), enquanto na realidade os outros corpos é somente exterioridade.

A corporeidade é expressão de interioridade. Não vemos nunca o corpo de um homem com simples corpo, mas sempre como corpo humano; quer dizer, como uma forma espacial carregada de referência a uma intimidade. No corpo mineral a percepção termina em seu aspecto exterior. No corpo humano, o aspecto exterior não é um término onde conclui nossa percepção, mas nos lança para um além, a algo que ele manifesta. O corpo humano vai além da simples corporeidade animal porque, enquanto humano, leva em si mesmo a vitalidade interior: a alma (Ibid, p. 121).

Em sua filosofia, Husserl (1859-1938), trata um pouco desse diferenciação do *körper* e do *leib*, falando da relação do corpo e da interioridade, pois tudo que o homem vivencia e experimenta está ligado a um Eu-corpo, a um Eu que não é somente estrutura física, e assim prossegue:

A alma e o ego psíquico ‘tem’ um corpo; há um coisa material, de determinada natureza, que não é mera coisa material mas é um corpo (Leib), ou seja, uma coisa material que, enquanto campo de sensações e fluxos de sentimentos, enquanto conjunto dos órgãos dos sentidos, enquanto parte fenomenal e contraparte de todas as percepções de coisas [...], configura um componente fundamental da doção real da alma e do ego (HUSSERL apud MISSAGGIA, 2017, p.203).

Há então, uma relação direta no homem da realidade subjetiva interior que faz com que a sua realidade exterior não seja mais como outros corpos. O corpo, embora seja em alguns aspectos exclusivamente físico e semelhante aos demais objetos que estão mundo, possui também a propriedade diferencial de ser corpo

animado por uma alma, ou por assim dizer um eu com elementos de natureza psíquica e não material.

Por essa diferenciação, o *leib* não é mais com o *körper* que é um estar-aí, mas agora é um ser-aí que manifesta um ser não mais passivo mas um ser ativo. Quanto a esse ponto Edith Stein fala que o *leib* é o ponto zero, ou seja, o referencial de toda experiência, é a partir do corpo enquanto *leib* que o homem agirá sobre as outras realidades, por exemplo, é pelo eu-corpo, que se tem o referencial para tudo, considera-se a árvore como alta, pois assim ela se apresenta ao ponto zero de referência, o *leib*, assim como se diz que a formiga é pequena, pois também ela é colocada com relação ao *leib*, que é o ponto zero da experiência (ALFIERI, 2014).

Tendo então essa distinção, apresentada no presente capítulo que deixa em evidência essa realidade de que o corpo humano é um corpo diferenciado por sua relação com a interioridade, cabe pois, entender um pouco mais dessa relação de exterioridade e interioridade, ou para melhor dizer, entender como se dá a relação de alma e corpo.

## 5 A DUALIDADE ANTROPOLÓGICA E A DIGNIDADE DO CORPO

Foi realizado um caminho para entender um pouco mais o homem, e entendê-lo em sua totalidade, considerando-o integralmente. O presente capítulo tem por escopo a visão integral do homem, já que anteriormente foram elencadas algumas visões reducionistas deste ser misterioso.

Tendo por base o que foi dito no capítulo anterior, será possível agora entender um pouco mais o corpo enquanto *leib* o homem que possui um corpo que revela sua interioridade, uma subjetividade; o homem enquanto alma e corpo.

O início do trabalho possui por conteúdo a explicação acerca do dualismo, onde foi citado Platão e Descartes com suas visões dicotômicas, bem como o monismo materialista com seu reducionismo; agora será apresentada a visão aristotélico-tomista com respeito a realidade corporal e espiritual da pessoa humana.

### 5.1 A DUALIDADE ANTROPOLÓGICA

O dualismo, como já dito, coloca em oposição as realidades material e espiritual, afirmando o corpo e a alma como realidades completas em si, ligadas por acaso; já a dualidade, doutrina sustentada especialmente por Aristóteles e Tomás de Aquino, defende uma visão mais plausível e aceitável, afirmando que o homem é a união substancial de alma e corpo.

O hilemorfismo Aristotélico diz que tudo que é, é uma substância composta por matéria e forma sendo que “matéria é aquilo e no qual se faz algo [...] e forma é o ato ou perfeição pelo qual uma coisa é o que é” (MARTINS FILHO, 159, p. 40). A afirmação não é diferente para o homem. O homem também é um composto de matéria e forma, ser e essência. Com base no hilemorfismo, Tomás de Aquino, em face ao problema antropológico, afirma que a alma é a forma, e o corpo é a matéria que confere existência ao ser homem.

Segundo Carlos Guerra (apud AQUINO, 2012), Tomás de Aquino, nas questões disputadas sobre a alma, adota uma perspectiva em que a alma é concebida como forma do corpo. De certa forma, não só por Tomás de Aquino, mas de modo geral pela filosofia escolástica, foi abraçada essa concepção em que a

“relação entre corpo e alma é pensada como uma relação entre matéria e forma – ‘anima est única forma corporis’” (RABUSKE, 1995, p. 32).

“A alma é portanto o princípio vital dos seres vivos; a forma do corpo; a essência do corpo vivo” (STORK; ECHEVARRÍA, 2005, p. 35), dessa maneira, a alma não é algo que está colocado no corpo, mas é aquilo que faz com que o corpo seja este ou aquele corpo.

Partindo desse ponto, poderia se mencionar então o que acontece com o homem após a morte, já que a mesma, é a separação de alma e corpo. Tomás de Aquino afirma que a alma, separada do corpo é uma substância incompleta. O mesmo deixa claro a independência da alma, em seu operar, capaz de conhecer aquilo que não é material, e ainda assim afirma a sua dependência do corpo, para que seja completa.

Assim pelo tipo de operação da alma humana, é possível reconhecer qual é seu modo de ser. Pois na medida em que sua operação transcende às coisas materiais, seu ser se encontra acima do corpo e é independente dele; mas na medida em que por natureza tem de adquirir um conhecimento imaterial a partir do material, é evidente que não pode estar completa sua natureza específica sem sua união ao corpo. Porque uma coisa não pode ser especificamente completa se não possui todo o necessário para sua própria operação específica (AQUINO, 2012, p. 47).

O homem é uma substância, e essa substancialidade não coincide somente com a alma, e nem somente com o corpo, pois o corpo em si mesmo não é uma substância, ele não possui um ato próprio de ser, não é autossuficiente, não é subsistente. Já a alma apesar de ser subsistente, e possuir ato próprio de ser, ainda sim necessita da contribuição do corpo para sua plena realização (MONDIN, 1926).

Desta forma, só se pode falar do homem em sua completude, enquanto união de alma e corpo, pois “se a alma é forma do corpo não pode ser concreto” (AQUINO, 2012, p. 37). O homem só é homem por causa de sua alma que dá a forma ao corpo.

Tomás de Aquino se serve de Agostinho e deixa em evidência o ideia de dualidade antropológica que leva em consideração a alma como substância incompleta e que unida ao corpo dão ser ao homem. “Escreve Agostinho citando Varrão: ‘O homem não é só alma, nem só corpo, mas afirmamos que ele é simultaneamente alma e corpo’” (AQUINO, 2015, p. 362).

Sendo dois elementos substanciais, corpo e alma são duas substâncias incompletas, que se acham relacionadas entre si segundo o esquema aristotélico da matéria e da forma, ou melhor ainda, do ato e da potência. De fato, alma se une ao corpo como forma do mesmo, portanto lhe fornece a perfeição pela qual se torna um corpo de espécie humana (MONDIN, 1986, p. 282).

Segundo Carlos Guerra (apud AQUINO, 2012, P. 13) alguns dos argumentos de Tomás de Aquino para afirmar a dualidade, são os seguintes:

O homem é uma substância única porque o ser do corpo é o mesmo ser da alma; e a alma não é substância separada porque parte de suas potências necessita, como dissemos, de órgão corpóreo para seu exercício e também para subsistir, e porque mesmo sua potências superiores, o intelecto e a vontade, ficam ao menos diminuídas em suas atividades não podem apoiar-se na fantasia. Dessa maneira vemos que Santo Tomás evita todo dualismo de substâncias e, portanto, escapa às principais críticas que os atuais filósofos materialistas da mente dirigem à espiritualidade da alma humana.

Apesar de se falar de duas realidades muito distintas, afinal uma é espiritual, de uma realidade suprassensível, quando a outra é de nível material físico, mesmo assim, se pode afirmar que “a alma e o corpo, não obstante a sua profunda diferença, constituem uma única substância, porque se integram e completam mutuamente” (MONDIN, 1986, p. 282).

A expressão corpo humano, portanto, contém já a composição de matéria e forma espiritual; portanto, ao se falar de corpo humano’ não deveria considera-lo somente como corpo, porque enquanto corpo humano, define-se sempre como informado por uma alma espiritual (LUCAS, 2005).

## 5.2 A DIGNIDADE DO CORPO

Chega-se então ao escopo do trabalho, que nada mais é do que afirmar a dignidade do corpo humano, isso para contrapor os discursos reducionistas, apresentados anteriormente, onde o corpo é visto como algo negativo, algo secundário e sem importância. Veem o corpo somente como um mero instrumento ou então reduzem o homem ao corpo como pura materialidade. Mas como diz Lima

Vaz (1992, p. 178), a compreensão do corpo humano é fundamental para entendê-lo em sua totalidade,

o problema do corpo próprio ou, em termos filosófico, o problema da categoria da corporalidade é não somente um problema fundamental para a antropologia filosófica, mas é seu ponto de partida, pois a autocompreensão do homem encontra seu núcleo germinal na compreensão de sua condição corporal.

Deve-se dizer, portanto que o corpo possui uma dignidade, um valor, uma importância, pois a partir da consideração de sua união substancial com a alma, forma a pessoa humana. O corpo possui dignidade enquanto é constitutivo fundamental para que o homem seja homem, para que o homem seja uma pessoa completa e realizada.

Essa dignidade é afirmada pois o homem não possui corpo, mas ele é corpo, o corpo vivo é ele mesmo (LUCAS, 2005), o corpo portanto, é *leib*, é um corpo vivido, vivenciado, é condição para que o ser seja no mundo.

É preciso combater a tendência imaginativa do dualismo, que induz a combinar um corpo pré-existente como um espírito que se introduz 'dentro' dele e o vivifica, como se fosse um 'duende'. Não: *sem alma não há corpo algum*.<sup>3</sup> (STORK, ECHEVARRÍA, 2005, p. 36).

O pensamento dualista, reduz o homem a realidades completamente distintas, não o considera como uma unidade na dualidade; da mesma forma como é reducionista o monismo materialista, que vai contra o princípio da causalidade, pois "os fenômenos culturais não podem ter como sua causa uma substância material." (RABUSKE, 1995, p. 32). O homem tem em si um princípio imaterial, espiritual, que vivifica e dá movimento ao corpo, portanto, é errôneo também reduzir o homem somente à materialidade, e afirma que o homem é só corpo.

Quanto a essa unidade hilemórfica, de corpo e alma, vale ressaltar que,

o espírito tem certa prioridade sobre a matéria, uma vez que Deus, em si mesmo é puro espírito. Todavia, Deus é o autor do mundo físico e, em sua sabedoria, ele não nos fez puro espírito. Ele nos fez *espíritos encarnados*:<sup>4</sup> uma unidade física e espiritual (WEST, 2018, p. 19).

---

<sup>3</sup> Grifo do autor.

<sup>4</sup> Grifo do autor.

De fato existe essa prioridade do espírito sobre a matéria, mas, mesmo assim, o corpo não pode ser considerado como inferior a alma, pois o corpo é *conditio sine qua non*<sup>5</sup> para que haja uma pessoa humana. Dessa maneira foi feito o homem, alma e corpo.

Segundo a visão antropológica de West (2018), baseada na antropologia cristã de Karol Wojtyla pelo fato de Deus ter se feito carne, deixa em evidência essa dignidade, do corpo ser algo bom. Mais ainda, ao afirmar a ressurreição dos corpos no juízo final, deixa em evidência a necessidade da união substancial de alma e corpo para que o homem seja completo na eternidade. Ou seja, a realização última do homem exige a dualidade antropológica.

Christopher West (2018, p. 25), que na atualidade é um dos maiores propagadores da Teologia do Corpo, de Karol Wojtyla (1920-2005), defende com veemência que o homem atual deve buscar a redescoberta da dignidade e do valor do corpo pois,

[...] seu corpo não é somente uma concha onde você habita. Seu corpo não é simplesmente um corpo. Seu corpo não é somente qualquer corpo. Seu corpo é alguém, você! - Em razão da profunda unidade do seu corpo e sua alma, seu corpo revela ou torna visível a realidade invisível da sua alma espiritual. O “você” que você é, não é simplesmente uma alma em seu corpo. Seu corpo não é algo que você tem ou possui junto a você. Seu corpo é você. [...] O que nós fazemos com nossos corpos, e o que é feito aos nossos corpos, nós fazemos ou temos feito conosco mesmos.

O mesmo autor se utiliza de um exemplo, se uma pessoa por agressão lhe quebrar a mandíbula em um surto de raiva, você não o levará ao tribunal por dano de propriedade, mas sim por agressão pessoal (WEST, 2018). Portanto o que é feito ao corpo humano é feito à pessoa inteira, “pois o homem é uma unidade na dualidade, uma dualidade na unidade” (RABUSKE, 1995, p. 32).

Tendo por base tais afirmações deve-se considerar o corpo em sua dignidade, em seu valor por ser elemento essencial da pessoa humana. Deve-se ter presente que quando se fala de corpo humano, está se tratando, não somente de um corpo qualquer, mas se trata de um eu-corpo, de um ser que se realiza na

---

<sup>5</sup> Tradução livre: Condição indispensável.

corporeidade, de um corpo vivo vivenciado, de um corpo que revela uma interioridade.

Dessa maneira, a expressão 'eu tenho corpo', não expressa a realidade toda do homem, pois dá a ideia de que o homem é alma e ganhou um corpo. A expressão que deve tomar lugar da expressão anterior é 'eu sou corpo', pois como diz Lucas (2005, p. 120) "O corpo não é algo que possuo, o corpo que eu vivo em primeira pessoa sou eu mesmo".

## 6 CONCLUSÃO

Em face aos problemas, da compreensão do homem, enquanto ser material e espiritual foi apresentada as diversas perspectivas acerca deste ser misterioso, como visto, é possível a deturpação da relação de corpo e alma como apresentam as doutrinas dualistas e monistas.

No dualismo platônico o corpo é o cárcere da alma, como uma realidade que impede a realização completa do homem, dessa maneira é bom que o homem esteja livre do corpo. Descartes divide o homem em duas dimensões *res cogitans* e *res extensa*, o homem é *res cogitans*, pensamento, que ocasionalmente está relacionado ao corpo e que nada depende dele para ser o que é.

Já no monismo, o homem é reduzido somente à uma dimensão, no caso do monismo materialista, o homem é reduzido não à corporeidade, mas ao corpo. O homem para Haeckel e Moleschott é somente matéria física e biológica, longe de ter alguma relação com a dimensão espiritual.

Buscando um reto compreender da totalidade do homem, a distinção alemã de *körper* e *leib* mostra que o corpo humano realmente está relacionado com a realidade física, no entanto, não é só isso, o corpo humano enquanto *leib* revela algo muito além, revela algo vivido, vivenciado. O *leib* vai muito além de pura fisicalidade pois revela algo que é interior.

O hilemorfismo vem deixar em evidência como se dá a real relação de alma e corpo, afirmando que a forma é a alma, e a matéria é o corpo, formando a substância homem, dessa maneira ambas então intimamente ligadas, afinal a alma é aquilo que dá forma ao corpo.

Conclui-se então que o corpo possui uma dignidade por sua unidade com alma, pois o corpo só é da espécie humana quando relacionado com a alma. A dualidade antropológica deixa isso em evidência afirmando que ambas as realidades quando separadas são incompletas, mas quando juntas formam o homem. Afirma a dignidade do corpo humano é, então, afirmar a pessoa em sua totalidade que forma uma unidade, o homem é uma unidade na dualidade.

Desse maneira se pode concluir a dignidade do corpo pois, o homem não só possui um corpo, mas ele é o próprio corpo, é um eu-corpo, o homem é um ser que se manifesta na corporeidade, e é essencial a relação de seu corpo para sua

realização total, assim sendo a dignidade do corpo está embasada na dualidade antropológica que vem afirmar que o homem é alma mas que também é seu próprio corpo.

## REFERÊNCIAS

- ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- AQUINO, De Tomás. **Questões disputadas sobre a alma**. São Paulo: Coleção Medievalia, 2012.
- DESCARTES, René. **Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas**. Coleção os Pensadores. vol XV. São Paulo: Abril, 1973.
- ENCICLOPEDIA VERBO LUSO-BRASILEIRA DE CUTURA. Edição Século XXI. V.20. Braga: Editorial Verbo, 2001.
- HAECKEL, Ernest. **O monismo**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/monismo.pdf>. Acesso em 08 Out 2019.
- LUCAS, Lucas Ramón. **O homem: Espírito encarnado**. Seminário Maria Mater Ecclesiae. São Paulo, 2005.
- MARTINS FILHO, Ives Gandra. **Manual esquemático de História da Filosofia**. 3 ed. São Paulo: LTr, 2004.
- MISSAGGIA, Juliana. **O conceito Husserliano de corpo: sua dualidade e função nas experiências perceptivas**. Disponível em: <file:///C:/Users/Semin%C3%A1rio%201/Downloads/Dialnet-ONconceitoHusserlianoDeCorpo-6229296.pdf>. Acesso em 06 Ago 2019.
- MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- MONDIN, Batista. **O homem quem é ele?** 4 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia**. 15 ed. São Paulo: Paulus 2004.
- PLATÃO. **O banquete; Fédon; Sofistas; Político**. Coleção os pensadores. vol III. São Paulo: Abril, 1972.
- RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica I**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero e Platão**. São Paulo: Paulus, 2002.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Descartes**. V.3 São Paulo: Paulus, 2005.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga**. v.1 São Paulo: Paulus, 2004.

STORK, Ricardo Yepes. ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. **Fundamentos de Antropologia**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Júlio".2005

STRIEDER, Inácio. **O homem como ser corporal**. Disponível em: <file:///C:/Users/Seminario-4/Downloads/1550-Texto%20do%20artigo-5677-3-10-20190403.PDF>. Acesso em 04 Ago 2019.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 1992.

WEST, Christopher. **Teologia do corpo para iniciantes**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.